



A DIMENSÃO do **CUIDAR** na re-significação do espaço público

ciclo de conferências e comunicações internacionais

AFECTO INCLUSIVO

Persistências do *Cuidar* no Século XXI

O cuidar é (...) uma forma activa e pensante de estar ocupado no mundo da vida: **cuido, ergo sou** – poderíamos dizer, parafraseando Descartes (Borges-Duarte, 2009:3).

Não tenhamos medo de convocar as fontes da memória (Pintasilgo, 2005: 179).

Não me lembro como cheguei ao par conceptual *afecto inclusivo*. Tratava-se de um sentir, não muito pensado, nem pesquisado. Talvez fosse a pensar *nela*¹, Maria de Lourdes Pintasilgo. Reformulei várias vezes o subtítulo. Um deles foi: “Uma analogia entre Maria de Lourdes Pintasilgo e Dag Hammarskjöld”. É uma pista fascinante, mas não para este curto texto. Fica como desafio para uma tese.

O que trazer aqui para a reflexão sobre a *Dimensão do Cuidar na Re-significação do Espaço Público com Maria de Lourdes Pintasilgo em Fundo*?

Num primeiro tempo exploro a noção *afecto inclusivo*. Vou argumentar porque prefiro (em contextos educativos) a sua utilização à palavra Amor e aponto algumas condições de “suporte” para a sua aprendizagem.

Num segundo tempo inicio a criação de um fundo de vozes, ligadas implícita – ou explicitamente ao *cuidar*, vozes que se perfilam numa *agora* onde se quer fazer agir o *cuidar*, vozes com *autoridade* – palavra que em Neerlandês se traduz como “Gezag”, o que significa “ter alguma coisa a dizer”. Uma autoridade reduzida dentro das proporções razoáveis de *auctoritas*, enquanto força que estimula e faz crescer. “Já não estamos à espera de figuras paternas [...], mas precisamos de pessoas que inspirem e que demonstrem poder, sem que procurem e cultivem esse poder. Mas isso é uma nova fase na cultura” (Fortmann 1970:53-54).

Depois abrindo entre textos num entre tempos e chego a formular uma definição provisória de *afecto inclusivo*.

Num terceiro tempo coloco a seguinte pergunta na agenda política da *polis* de dissidentes do *status quo* (Koning 2009): “Como despertar o desejo de *afecto inclusivo* para que o *cuidar* possa persistir?” Proponho duas “estratégias” que têm como objectivo contribuir para processos de aprendizagem de longo alcance que permitam a humanização do mundo da vida. Porque:

“Ser-se humano apesar de tudo e contra tudo – ou não o ser – é a questão central da situação perigosa em que nos encontramos” (Franck 2006: 91).

Primeiro tempo: Afecto Inclusivo

¹ No dia 10 de Julho de 2004 (dia da sua morte) a sua presença enquanto *Tu* constituinte, da minha relação *Eu-Tu* com ela (Maria de Lourdes Pintasilgo), transformou-se para sempre numa *Ela*, sem mais.

“Será mesmo verdade que não há amor senão recíproco?” (Pintasilgo 2005: 11)

Perguntei a mim própria o que sabia do significado da expressão *afecto inclusivo*. Tentei localizar livros ou artigos cujos títulos pudessem incluir este par conceptual. Não encontrei. Quando digitei *afecto inclusivo* no *Google* apareceram 16.800 entradas, em que as palavras *afecto* e *inclusivo* estavam quase sempre separadas. Nas coisas referidas como podendo ser inclusivas predominam: escola, aula, educação, ensino, práticas educacionais e de saúde, movimentos e organizações. Aparecem ainda como inclusivos: sistema, arte, dança, desporto, linguagem e governo, retrato da realidade, desenvolvimento, percursos e projectos. Até Deus aparece como Deus inclusivo.

Apenas três entradas mencionam o par *afecto inclusivo*, fazendo referência a um texto de Paulo Castro, docente no Instituto Superior de Administração e Gestão do Porto, intitulado *Dez lições para uma nova economia*², em que *afecto inclusivo* é definido como o “maior dos bens, que se dá e recebe numa economia relacional, cujas estratégias solidárias promovam a confiança mútua, afectuosa e permanente, a segurança capaz de granjear a paz interior”.

Num *site* Americano sobre estudos bíblicos *inclusive affection* encaminha para o AMOR com maiúsculas, definido como um afecto que inclui tudo (“LOVE is an all-**inclusive** affection”³). AMOR, no sentido de amar Deus e amar o próximo. Como podemos ler no livro Deuterónimo 6, verso 5: “Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças”, e no livro Levítico 19, verso 18 é dito “amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Estes dois mandamentos retomados pelos evangelistas no Novo Testamento estruturaram moral e eticamente as culturas de inspiração judaica e cristã. Jesus introduz, em Mateus 5. 43, ainda mais uma exigência: “amai os vossos inimigos”.

Este Amor bíblico, como “all inclusive affection” tem futuro, tem direito à cidade no século XXI, sem que seja apenas “wishfull thinking”? Talvez a pergunta seja impertinente. Amor e *afecto inclusivo* são sinónimos? Talvez, mas proponho usar – nem que seja temporariamente – a formulação *afecto inclusivo* como um “bem” mais operacional e humilde do que a grande palavra AMOR.

O *afecto inclusivo* exclui os afectos exclusivos, afectos constituídos pelo amor-paixão, pela atracção sexual, pela amizade profunda? Não, precisa deles como uma “rampa de lançamento” que projecta o ser humano na vontade de se aproximar dos outros seres (humanos). Como é que nesta dinâmica de aproximação o *eu* se transcende para entrar numa relação com o outro enquanto outro? Responde Maria de Lourdes Pintasilgo:

“O outro, os outros entram na nossa vida, podendo ser ou não objecto de interesse, de desejo, de afecto. Produz-se em nós face a um primeiro encontro uma primeira selecção: ou se gosta ou não se gosta e não há mais nada para explicar! (...) Os laços que nos ligam aos outros têm muitas vezes essa nota de não-racionalidade. Depois, lentamente vai se pensando o outro. (...) E não chega a vida inteira para pensar o outro, para lhe adivinhar o mistério, para lhe dar atenção – ao que é, ao que faz, ao que a sua vida diz, ao poema que a sua existência é. O outro é também imprevisível, muitas vezes surpresa e ruptura na aparente repetição de si mesmo. Pensar então o outro é descobrir-lhe o centro, tentar desvendar o que é a humanidade que nele vive, vê-lo com sujeito de direitos e responsabilidades, traduzir a originalidade da sua dignidade humana” (Pintasilgo 2005: 97-98).

É minha intuição que – para que cada um/a de nós possa manifestar mais a humanidade que vive dentro de si e equilibrar a tensão entre o gostar de (ou não) imediato e o pensar (e descobrir) o outro – seja preciso explicitar e intensificar a aprendizagem do *afecto inclusivo*. Distingo sete condições “de suporte”:

1. Explicitar, sempre, que o afecto constitui o substrato indispensável de um agir humanizante, um agir marcado pelo *cuidar*.
2. Considerar o *afecto inclusivo* como eixo de um *continuum*, cujos pólos são Emoção (Sentir) e Razão

² Texto de Paulo Vieira de Castro, docente no Instituto Superior de Administração e Gestão do Porto, em que aparece o par conceptual *afecto inclusivo*, Publicado em www.ver.pt VER, Valores Ética e Responsabilidade, 17 de Fevereiro 2009.

³ <http://bible.cc/mark/12-30.htm> “But LOVE is an all-inclusive affection, embracing not only every other affection proper to its object, but all that is proper to be done to its object; for as love spontaneously seeks to please its object, so, in the case of men to God, it is the native well spring of a voluntary obedience.”

(Pensar) e explorar atentamente o espaço disponível (e sem fronteiras) entre os dois pólos.

3. Intensificar a vontade de gostar e de amar, cultivando a capacidade de admirar e de se maravilhar.

4. Treinar a capacidade de pensar, procurando formar uma consciência cada vez mais crítica.

5. Potenciar ao máximo o verbo incluir, aumentando cada vez mais o volume de pessoas, seres vivos, obras etc. de que e de quem gostar, integrando estes novos afectos no afecto já existente, que se vai reconstruindo e complexificando, tornando-se cada vez mais Inclusivo.

6. Organizar espaços e contextos de aprendizagem em que podemos experienciar que “gostar de” é bom e possível e que traz alegria de viver.

7. Introduzir “espaços em branco” nos contextos de aprendizagem (Koning 2009), com o objectivo de abrandar e pensar no que nos move e comove.

Segundo tempo: um fundo de (algumas) vozes

“Posso dizer sem pudor que o afecto moldou a minha vida, deu-lhe ritmo e cor, engrandeceu-a e exaltou-a” (Pintasilgo 2005: 310).

A inclusão de cada vez mais afectos é uma atitude a desenvolver continuamente. Alimenta-se de um preconceito de simpatia e de um desejo de querer o bem. Materializa-se através de escolhas e decisões sucessivas. Maria de Lourdes Pintasilgo foi uma pessoa de *afecto inclusivo*. Referiu, num encontro no contexto de uma Assembleia do Graal em Portugal, o que a inspirou quando começou a participar no Graal internacional: “no espírito do verdadeiro Graal há um preconceito de benevolência e de simpatia” (Pintasilgo citada em Koning 2005: 92). Conheceu o Graal num tempo em que, segundo ela, os três grandes valores que orientavam as pessoas eram: “a entrega de si mesma, um amor universal sem fronteiras e uma disponibilidade sem limites” (ibid.).

Lembro-me como Maria de Lourdes Pintasilgo admirava Dag Hammarskjöld. Foi com ela que descobri o seu diário espiritual *Markings*. Há muitas sintonias entre os dois. Os dois amam Deus e o próximo. São parecidos na procura em manter um trabalho interior que permita cultivar um espírito de serviço. Segundo Hammarskjöld citado por Mónica Bouman, a base, a origem e a dinâmica deste espírito de serviço prendem-se com a capacidade de fazer “uma reverência a um ideal de vida (...) uma fé na dignidade, mas também na bondade e na decência que fundamenta a vida de cada ser humano” (Bouman 2006: 27).

Pessoas como Dag Hammarskjöld e Maria de Lourdes Pintasilgo, pessoas com um elevado espírito de serviço, fazem o “sacrifício” de eliminar motivos centrados nos seus próprios interesses em função do bem dos outros ou de honrar Deus, como lembra W.H. Auden no prefácio de *Markings* de Hammarskjöld. Auden cita Simone Weil que constata que é mais difícil uma pessoa mobilizar-se ou sacrificar-se por uma causa maior do que por uma causa que se prende com a sua própria sobrevivência no imediato:

“The same suffering is much harder to bear for a high motive than for a base one. The people who stood motionless, from one to eight in the morning, for the sake of having an egg, would have found it very difficult to do in order to save a human life” (Weil, citada em Auden 1983: xvii).⁴

Podemos esperar dos seres humanos que vivam mais ou menos bem, pelo menos materialmente, que se “sacrifiquem” por um motivo superior, causa grande, como por exemplo a luta contra a pobreza, o bem-estar das crianças ou a sobrevivência do planeta? Trata-se de responsabilidades ou deveres que os seres humanos têm, ou como Hans Opschoor (2009) aponta que os seres humanos deviam considerar ter.

Segundo Margaret Canovan, “o pensamento de Hannah Arendt move-se entre duas alternativas contrastantes, que tentam dar uma resposta política ao dilema da humanidade moderna. Por um lado, (...),

⁴ “O mesmo sofrimento é mais difícil de ser suportado por um motivo mais alto do que por um motivo mais básico. As pessoas que estiveram sem se mexer de uma até às oito da manhã numa fila para obter um ovo, teriam achado mais difícil fazer isto para salvar uma vida humana.”

a tentativa dos seres humanos de maximizar o seu próprio poder e de minimizar a sua responsabilidade, o que faz que não se comportem de forma humana, isto é, que não respeitem mutuamente a sua pluralidade e liberdade. [...]. A outra alternativa é que reconheçam a sua diversidade e diferença, que respeitem a sua liberdade de poder agir e pensar politicamente e que numa responsabilidade partilhada construam um mundo onde se concedem direitos entre si, para assim colocar limites às forças da natureza” (Canovan, citada em Sontheimer 2006: 68).

O filósofo holandês Harry Kunneman (2005) fala do avanço do “eu-gordo”, figura contemporânea que se manifesta de uma forma consumista, competitiva, exigindo respeito pelas suas ideias e desejos altamente individuais. Nesta *amplificação* do indivíduo autónomo e livre tornam-se visíveis os limites dos ideais modernos de liberdade e autonomia. A expansão desenfreada do ego pode fazer esquecer valores morais como solidariedade, respeito e tolerância.

Maria de Lourdes Pintasilgo, Dag Hammarskjöld e muitos/as outros/as aparecem-nos como pessoas que sacrificaram parte dos seus interesses pessoais em função da tarefa de assumir responsabilidades e deveres no cuidar da *polis*. Esta tarefa não devia, em primeiro lugar, recorrer ao nosso bom senso? Para isso é preciso mobilizar, por um lado, a Razão e pensar que só temos um planeta terra e não cinco ou seis para satisfazer as necessidades de todos os povos. Por outro, é preciso mobilizar a Emoção e ter compaixão, sobretudo dos excluídos do bem-estar e cuidar da sobrevivência também das outras espécies vivas e do planeta em si.

O que pode a noção do *cuidar* trazer ao mundo actual? Na sua conferência “A fecundidade ontológica da noção de cuidado”⁵ Irene Borges-Duarte faz nos ver com Heidegger como os seres humanos não podem não cuidar, porque o cuidado é a estrutura fundamental do *Dasein*, da forma como o ser humano é lançado no mundo, mundo enquanto “aquilo que encontramos ao estar-ocupados” (Heidegger, citado em Borges Duarte 2009: 9).

“(...) ser à maneira humana é *cuidar*, em todas as suas formas: atender ao que se dá e assistir, solidário, a outrem, e experimentar, inquieto, o próprio correr palpitante ao encontro do porvir, forjado no que já de antemão somos e nos é habitual, mas também na inteligente e sensível escuta do que, ainda oculto, chegará a mostrar-se no fazer humano” (Borges Duarte 2009: 7).

Sendo impossível não *cuidar*, o *cuidar* não vai persistir por si enquanto houver seres humanos a viver no planeta? Sim, mas talvez simultaneamente não se houver apenas um cuidado baseado em afectos exclusivos. Posso *cuidar* dos “meus”, arrumar todos os dias a minha casa e arrumar os problemas do (meu) mundo, sem me preocupar demasiado com outros-seres-exteriores-a-este-círculo-interior. Numa perspectiva de *afecto inclusivo*, é necessário diversificar mais os “objectos” do cuidado e estar atento/a a tudo que vamos encontrando ao estarmos ocupados/as nos espaços privado e público. Segundo Irene Borges Duarte ““Cuidar” é o mesmo que “compreender o ser” e compreender é “amar”, (*lieben*), gostar de (*mögen*)” (ibid.:11). E “consistiria no exercício da atenção enquanto abertura ao ser, sob as suas diferentes formas, induzido politicamente pela via formativa da educação” (ibid.:15). Já que o Amor não o conseguiu de forma mais satisfatória, não poderá o *afecto inclusivo* constituir uma aprendizagem fundamental com o objectivo de intensificar a capacidade de *cuidar* em círculos cada mais amplos?

Como estimular a vontade de ampliar os círculos? Maria de Lourdes Pintasilgo recorre à alegria e ao entusiasmo estruturantes da sua forma de ser e estar no mundo:

“É importante não vermos isto tudo em termos de um «dever», mas olharmos para os sinais de alegria. Os sinais de alegria tornam a vida mais leve. A alegria é como uma luz. Tenho a esperança que algo de real mudará no vosso tempo de vida.”

“Gosto muito de sublinhar a palavra entusiasmo, em relação à qual muitas pessoas sentem um arrepio. Mas entusiasmo quer dizer confiança em Deus, *en Theos*. É isso que é o entusiasmo, não é uma exaltação histórica, nem um idealismo balofo, o entusiasmo é a permanência dessa forma de estar. (...) Se temos entusiasmo, se a confiança em Deus existe, se a transformação do mundo que queremos é real, então só se pode irradiar uma certa luz, que é o que está em causa” (Pintasilgo citada em Koning 2005: 88).

É como a descreve Luisa Beltrão: “procura o rosto de Deus em tudo o que faz” (Beltão & Hatton 2007: 162). “Entusiasmada, como sempre acontece quando avista algo de novo que se abre em promessa de futuro” (ibid.:112).

⁵ Ver artigo com o mesmo título nesta publicação.

Alegria e entusiasmo como estruturantes do agir livre e imprevisível. Um agir que caracteriza, segundo Hannah Arendt, a verdadeira política. Mas segundo esta pensadora vivemos num tempo em que são os peritos de um estado tecnicista que determinam a política, o que a leva a descrever o desenvolvimento da sociedade moderna em termos de um processo de alienação do mundo (Sontheimer 2006: 83).

Como combater esta alienação? Assumindo-se como humanista (*entusiasta-sem-nomear-Deus*), Harry Kunneman (2005) defende que é preciso re-ligar inspirações e incorporar no pós-moderno ideias do moderno e pré-moderno. Avança com uma interpretação não relativista da nossa situação pós-moderna, interpretação que permite convocar fontes da memória, mobilizar fontes de inspiração ética, espiritual e religiosa e organizar processos de aprendizagem de longo alcance.

Esta aprendizagem de novas formas de ligação entre ideias importantes permite abrir “pórticos de espiritualidade para os tempos novos do século XXI” (Pintasilgo 2005: 18). Na entrevista com Baptista-Bastos, no programa Cara a Cara (SIC, Janeiro 2001), Maria de Lourdes Pintasilgo formula como vê este abrir de pórticos para todos e todas, tanto, como dizia, e referindo-se a Aragon, para aqueles que acreditam no céu, como para aqueles que não acreditam. Já não estamos no tempo da grande dialéctica, mas, dizia “hoje estamos noutro tipo de pensamento: (...) as fronteiras entre as coisas não se põem já como fronteiras entre cada realidade e o seu contrário, mas põem-se muito mais como ligações, em que tudo é um *continuum*. Há como uma continuidade na forma de ver e dizer as coisas. (...) o que é comum a todos nós (...) é a esperança”.

A esperança só pode existir quando a autenticidade do indivíduo se vai construindo num enquadramento em que não “se rejeitem os horizontes de sentido” (Taylor 2009: 52). “Voltar as costas a tudo o que transcende o eu é, precisamente, suprimir as condições de significação e, por essa razão, cortejar a trivialidade. (...) só posso definir a minha identidade contra um fundo de questões que importem” (ibid.: 53), definição sempre “feita em diálogo” (ibid.: 75).

Huub Oosterhuis, teólogo e poeta holandês, situa-se numa perspectiva de espiritualidade de esperança (cristã) em que o *eu* se transcende na relação com o *tu*. No seu livro “Tu que me fazes ser eu”⁶ escreve sobre como tu e eu se podem inspirar mutuamente para mudar um pouco o mundo. Propõe a criação, na Europa, do que chama uma Rede de Amor Novo, utilizando igrejas vazias e abandonadas, mas também outros espaços em bairros e cidades, para abrir a *polis* ao debate político baseado na tradição bíblica de “all inclusive affection” (Oosterhuis 2008: 62). Será o *afecto inclusivo* a ganhar direito à cidade, no mundo plural do Século XXI:

“Vamos partir do princípio que tiveste sorte, não só nos teus anos de infância, mas também mais tarde. Aprendeste a rir e a chorar, escutar e cantar. “Eles”, os outros, fizeram-te sentir que eras importante. Abriram-te para a vida e despertaram a tua necessidade de intimidade. Levaram-te para dentro do espaço da amizade; ensinaram-te a desejar e a ir, a partir para uma causa, para um ideal, para um outro, ir, não cair – e como isto pode fazer feliz.

Imagina que fazes parte dos que têm sorte: então não terias talvez de assumir a tua responsabilidade por aqueles outros que não estão seguros, que têm medo, que estão zangados, que são infelizes?

Já há anos que decorre um debate na sociedade sobre normas e valores. Questão fulcral neste debate é a responsabilidade dos que são felizes-prósperos-ricos pelos infelizes-fracos-pobres. É instrutivo ver como se responde, contornando e dando voltas complicadas a questão” (p.22-23).

Como não contornar as questões para assim fugir à responsabilidade?

Entre tempos: abrandando no espaço entre os textos

“Seja com for, esteja alerta à práticas que pelo menos te fazem aprender a viver mas *devagar e com mais atenção*” (Duintjer 1988:41).

Preciso de abrandar um pouco no espaço em branco entre os textos e os tempos para tentar “recuperar” algo deste entusiasmo no sentido de confiança em Deus, de que fala Maria de Lourdes Pintasilgo, mas sem

⁶ Título em Neerlandês: Jij die mij ik maakt.

que seja necessário mencionar Deus. (De modo que também Deus pode ser “Inclusivo”.) Lembro-me de Teilhard de Chardin, figura de referência do pensamento católico do século XX, que muito a inspirou e recorro a algumas das suas ideias na tentativa de “materializar” um entusiasmo capaz de inspirar a esperança de todos e todas, tanto dos/das que dizem acreditar em Deus, como dos/das que dizem não acreditar. Materializar no sentido de encontrar um chão, para colocar os pés no *húmus* e descer do “très haut” ao “très bas”⁷

Teilhard de Chardin sintetiza o duplo mandamento do Evangelho sobre o Amor (amarás a Deus e amarás o teu próximo) num só gesto: “Amarás Deus em e através da génese do Universo e da Humanidade” (Teilhard de Chardin 2000: 207). Gostava de virar parte desta afirmação ao contrário e dizer: quem participa em e contribui para a “génese da humanidade” ama a Deus. Pode não nomear este amor, mas – na perspectiva de quem acredita em Deus – participa nele.

Teilhard de Chardin afirma que “o Amor, tal como o pensamento, está sempre em pleno crescimento na Noosfera” (Teilhard de Chardin 2008: 82). E “quanto mais espiritual é uma afeição menos absorvente é – e mais conduz à acção” (ibid.:73). Se acompanharmos Teilhard de Chardin no seu pensamento sobre a evolução cósmica, sem rejeitar a possibilidade do “Divino na Evolução” (Teilhard de Chardin 2000: 271), criamos um espaço em que podemos afirmar que, tanto para crentes em Deus como para não crentes, o “Amor é uma reserva sagrada de energia e como que o sangue mesmo da Evolução espiritual (...)” (Teilhard de Chardin 2008:62-63). O filósofo Otto Duintjer formula-o assim:

“O Espírito que penetra tudo, antes e além de todos os quadros de referência estabelecidos, é o espaço onde todos os seres conscientes convergem e estão ligados numa Consciência anterior” (Duintjer 1988: 25).

Escrevendo sobre a importância da espiritualidade numa sociedade moldada por dinâmicas de “produção”, em que “as normas desvanecem e perdem a sua força inspiradora”, Duintjer sublinha “o *interesse humanitário* da espiritualidade e da experiência espiritual” (ibid.:23). O mundo actual é, segundo ele, tratado como se fosse “um enorme cabouco, uma realidade tratada como *coisa* de onde se pode extrair algo, para consumir física - ou mentalmente” (ibid.:36). Refere a necessidade de haver “práticas espirituais autênticas” em que se trata de aprendizagem no sentido de “limpeza, física, emocional e espiritual” para criar abertura e espaço para que “o coração se torna capaz de partilhar horizontalmente, de cooperar com quem encontra no seu caminho” (ibid.: 25-26).

A teóloga Antoinette Scholten refere um texto mais recente de Duintjer em que este entende a palavra “Espírito” enquanto “Realidade que nos envolve e penetra de todos os lados” (Scholten 2007: 85).

É nesta Noosfera que podemos viver cada vez mais dentro da Consciência e através dum agir que contribui para a humanização da humanidade, nascer – a cada momento – uma segunda vez (Arendt) e tornarmos-nos mais entusiastas, inspirados/as ou por Deus em quem temos fé, ou por *algo-que-não-queremos-ou-não-podemos-ou-nem-nos-lembramos-nomear*.

“E o sentido abre-se num explosão exuberante de trajectórias. (...) É hoje, neste instante glorioso ou esforçado, que o trabalho se realiza e ganha força, que a amizade ou o amor se aprofundam e transfiguram. Tudo se cria e tudo nos cria:

Sinto-me nascido a cada momento

Para a eterna novidade do Mundo” (Pintasilgo 2005:95).

Ton Lathouwers, um dos mestres Zen mais liberais no território linguístico neerlandês, chama-nos à atenção para o facto de que as palavras com as quais tentamos exprimir a nossa fé, a nossa esperança e a nossa confiança, correm o perigo de se “solidificarem num modelo coercivo em que o ser humano único é sacrificado” (Lathouwers 2000: 102). Aponta para um paradoxo quando afirma que palavras como *esperança*, *desejo* e *confiança* se tornam palavras sem objecto, palavras que dizem cada vez menos uma realidade mas que quando (já ou ainda) não se sabe nomear em que se acredita, a fé se aprofunda.

Apesar deste paradoxo e independentemente da tradição espiritual ou religiosa de onde as palavras emergem, talvez possamos afirmar com Teilhard de Chardin que cada ser humano participa na Noosfera onde o Amor e a Consciência se reconfiguram a cada instante na medida em que se transcende a si próprio através do amor:

⁷ Refiro-me ao livro *Le Très-Bas* de Christian BOBIN (1992).

“(...) não podemos progredir, até ao limite de nós mesmos, sem sairmos de nós mesmos, unindo-nos aos outros, por forma a desenvolver por esta união um acréscimo de consciência – de acordo com a grande Lei da Complexidade. – Daí as urgências, daí o sentido profundo do amor que, sob todas as suas formas, nos move a associarmos o nosso centro individual com outros centros, escolhidos e privilegiados – o amor, cuja função e encanto consistem em completar-nos! (...)”

Ora uma vez assumido um pequeno número de afeições privilegiadas, este movimento de expansão não se detém mais: aspira-nos, insensivelmente, cada vez mais próximos, para círculos de raio cada vez maior” (Teilhard de Chardin 2008: 28-29).

Todas as palavras usadas e referidas até aqui neste texto arriscam-se a sugerir um modelo. Mas neste contexto de reflexão são precisas para me poder aproximar de uma definição provisória do *afecto inclusivo*, que talvez possa ser formulado da seguinte forma: **O afecto inclusivo é constituído por um movimento de expansão de afeições em que nos deixamos aspirar por desejo e decisão nossa, para círculos cada vez maiores de afecto, por necessidade do nosso próprio ser-em-devir e o de outros seres humanos a nossa volta.**

A dimensão do *agir* aparece de uma forma mais explícita no par conceptual *afecto inclusivo*, do que no conceito Amor. Esta dimensão explícita do agir no *afecto inclusivo* permite formulá-lo em termos de um “objectivo” a alcançar em práticas pedagógicas ou no trabalho de cuidar-de-si e traduzir o “objectivo” em “acção a realizar”.

Terceiro tempo: despertar o desejo de *Afecto Inclusivo*

“Estaremos a humanizarmo-nos? E tornarmo-nos assim narradores?” (Pintasilgo 2005: 179).

O movimento de aspiração do amor, movimento “natural” de expansão de afeições de que fala Teilhard de Chardin, encontra -se muitas vezes bloqueado – entre outras causas pelo avanço da figura contemporânea já referida do *eu gordo*. Torna-se então urgente colocar uma questão incontornável: Como considerar melhor as nossas responsabilidades de *cuidar* em “círculos de raio cada vez maior”? Isto é: como despertar o desejo de *afecto inclusivo* para que o *cuidar* possa persistir? As éticas da responsabilidade e do *cuidar* “custam” a disponibilidade de “sacrificar” algo dos nossos interesses individuais, do nosso amor-próprio. Na sociedade ocidental contemporânea é preciso *cuidar* também dos espaços de aprendizagem destas éticas, espaços e aprendizagens que pareçam ter perdido o seu direito à cidade.

Hans Opschoor⁸ afirma que é necessário organizar contextos de acção comunicativa e educativa para integrar no senso comum dominante as éticas globais que promovam as éticas da responsabilidade e do cuidar (Opschoor 2009:14). Implica dar mãos e pernas à ética, reconhecer as “forças suaves”, subterrâneas de resistência à ordem dominante, promover mudanças em estilos de vida, mas também desenhar boas instituições (políticas), capazes de criarem a consciência de responsabilidade face a uma ordem que transcende o ser humano. Terá algum impacto?

“Não queremos exagerar os nossos níveis de liberdade. Mas eles não são zero. E isso significa que a compreensão das fontes morais da nossa civilização pode fazer a diferença, na medida em que contribua para um novo entendimento comum” (Taylor 2009: 106).

Gostava de privilegiar duas dinâmicas ou “estratégias”, a meu ver interrelacionadas, para dar um rumo a processos de aprendizagem de longo alcance, capazes de contribuir para um novo entendimento comum. Nestes processos as aprendizagens teóricas e técnicas são temporariamente subordinadas ao espaço mais fluído da aprendizagem narrativa, de modo que nos podemos tornar narradores/as e assim contribuir para que “o contar de histórias, também na era da técnica, permita que o mundo possa continuar a existir” (Achterhuis 1998: 204) e que a razão instrumental não tome conta da nossa vida (Taylor 2009).

Em primeiro lugar é preciso sublinhar a importância das vozes mediadoras, que pela sua reflexão e escrita tentam divulgar ideias de grandes pensadores e pensadoras. São autores/as que não vão apenas aos textos dos outros para encontrar conteúdos que desafiam a pensar, mas desejam inspirar com a sua escrita o agir na construção de uma *polis* enformada pelo cuidar.

⁸ “Of course, to the extent that these duties and responsibilities are not automatically recognised or accepted, communicative and educative action might have to be organised to attempt to make these global ethics become part of the dominant *common sense*.” (Opschoor 2009: 14)

Dois exemplos já convocados neste texto são:

a. O livro de Kurt Sontheimer, politólogo alemão, intitulado *Hannah Arendt. Der Weg einer gross Denkerin*, (O Caminho de uma grande pensadora) publicado em 2005, é um livro fascinante que nos introduz, de uma forma afectuosa na vida e no pensamento de Hannah Arendt. Depois da sua reforma Sontheimer dedicou o seu tempo a esta biografia. Morreu no ano em que a obra foi publicada.

b. O livro de Mónica Bouman, psicóloga holandesa, natural da Indonésia, intitulado *O caminho de vida de Dag Hammarskjöld*⁹. Actualmente a autora organiza workshops em vários países sobre o seu diário espiritual *Markings*.

Em segundo lugar parece-me importante pensar o que pode ser o trabalho de multiplicadores/as, trabalhadores/as educativos/as e investigadores/as para garantir a *dimensão do cuidar na resignificação do espaço público* e para contribuir para o desenvolvimento do *afecto inclusivo* como uma condição necessária do *cuidar*.

Uma das vias podia ser a organização de *workshops* suportada por uma rede de investigadores/as e formadores/as. Por exemplo *workshops* sobre o pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo em questões de cidadania e ética. *Workshops* cujas dinâmicas pedagógicas se situam num registo de “produção de conhecimento que inclui a construção de sentido(s) e a procura de sabedoria nas práticas profissionais e nos espaços de cidadania” (Koning 2009: 91) e permitam abrandar para colocar “questões lentas” (Kunneman). A Fundação *Cuidar O Futuro* pode aqui dar um contributo em parceria com outras instituições.

Um sonho?

“Sem um sonho a sociedade desfaz-se,
as pessoas perdem-se
e perdem se umas às outras.
Quem é que pode viver num ‘vácuo ético’,
sem aferição e sem utopia?” (Oosterhuis 2008:59).

Marijke de Koning

⁹ Simultaneamente publicado em inglês, sob o título “Dag Hammarskjöld, a world citizen”.

Bibliografia

- ACHTERHUIS, Hans (1998). *De erfenis van de Utopie*. Amsterdam: Ambo.
- AUDEN, W.H. (1983). "Foreword". In: Hammerskjöld, Dag. *Markings* (pp. vi-xxiii). New York: Ballantine Books.
- BELTRÃO, Luísa; HATTON, Barry (2007). *Uma História para o Futuro. Maria de Lourdes Pintasilgo*. Lisboa: Tribuna.
- BORGES DUARTE, Irene (2009). "A fecundidade ontológica da noção do cuidado". Conferência proferida no Ciclo Internacional de Conferências *A Dimensão do Cuidar na Re-significação do Espaço Público* no dia 26 de Junho na Universidade de Évora.
- BOUMAN, Monica (2006). *De levensweg van Dag Hammerskjöld*. Kampen: Uitgeverij Ten Have.
- DUINTJER, Otto (1988). "Het belang van nieuwe spiritualiteit in een expansieve maatschappij". In: Otto Duintjer, Cornelis Verhoeven en anderen. *Maken en Breken. Over produktie en spiritualiteit* (pp. 17 – 43). Kampen: Kok Agora.
- FORTMANN, Han (1970). *Oosterse Renaissance. Kritische reflecties op de cultuur van nu*. Bilthoven: Ambo.
- FRANCK, Frederick (2006). *De Herschappen Icoon. Transreligieuze kunst*. Amsterdam: Uitgeverij Kapstok.
- KONING, Marijke de (2005). "Cartas a Liliãna sobre uma Mulher das Cidades Futuras" In: *ex aequo* n.º 12 (pp. 77-95). Porto: Edições Afrontamento.
- KONING, Marijke de (2009). "Abrandar no espaço em branco. Dar relevo ao fundo dos textos sobre a liderança". In: Eunice Macedo & Marijke de Koning (orgs). *Reinventando Lideranças: Género, Educação e Poder* (pp. 71-95). Porto: Livpsic & Fundação Cuidar O Futuro.
- KUNNEMAN, Harry (2005). *Voorbij het dikke-ik. Bouwstenen voor een kritisch humanisme*. Amsterdam: Uitgeverij SWP.
- LATHOUWERS, Ton (2000). *Meer dan een mens kan doen*. Zentoespraken.Nieuwerkerk a/d IJssel: Asoka.
- OOSTERHUIS, Huub (2008). *Jij die mij ik maakt*. Kampen: Ten Have.
- OPSCHOOR, Hans (2009). "Caring for Future Generations and Biodiversity: Earth Ethics and some implications for structuring the global public domain". Conferência proferida no Ciclo Internacional de conferências *A Dimensão do Cuidar na Re-significação do Espaço Público*, no dia 25 de Junho no Centro Nacional de Cultura em Lisboa.
- PINTASILGO, Maria de Lourdes (2005). *Palavras Dadas*. Lisboa: Livros Horizonte
- SONTHEIMER, Kurt (2006). *Hannah Arendt*. Kampen: Ten Have.
- SCHOLTEN, Antoinette (2007). "G/geestkracht in biografisch werk. Ervaring en verwoording van de stille kracht van transcendentie". In: Ina Brouwer et al (Red.). *De stille kracht van transcendentie. Wijsheid in beelden, verhalen en symbolen* (pp. (79-89). Amsterdam: Uitgeverij SWP.
- TAYLOR, Charles (2009). *A Ética da Autenticidade*. Lisboa: Edições 70.
- TEILHARD DE CHARDIN, Pierre (2000). *A minha Fé. A Matéria e Deus*. Lisboa Editorial Notícias.
- TEILHARD DE CHARDIN, Pierre (2008). *Sobre a Felicidade. Sobre o Amor*. Coimbra: Edições Tenacitas.

**A Dimensão do Cuidar na Re-significação do Espaço Público.
Com Maria de Lourdes Pintasilgo em Fundo**

Tipo de Encadernação: CD-ROM

Autor: Fernanda Henriques (Coord.)

Primeira Edição: 30 de Julho de 2010

Editor: Fundação Cuidar O Futuro.

Copyright © Fundação Cuidar O Futuro *et al.*

ISBN: 978-972-99870-2-1

Concepção e produção iPublicis!COM

ORGANIZAÇÃO



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
SECRETARIA DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

APOIOS



ISBN 978-972-99870-2-1



9 789729 987021 >